

A AUTORIA NA COMPOSIÇÃO VERBOVOCOVISUAL DE MINICONTOS MULTIMODAIS A PARTIR DE *SELFIES*

LA AUTORÍA EN LA COMPOSICIÓN VERBIVOVOVISUAL DE MICROCUENTOS
MULTIMODALES DE SELFIES

AUTHORSHIP IN THE VERBOVOCOVISUAL COMPOSITION OF MULTIMODAL SHORT
STORIES BASED ON SELFIES

Isabel Cristina Michelin de Azevedo*

Dorinaldo dos Santos Nascimento**

Vanusia Maria dos Santos Oliveira***

Universidade Federal de Sergipe

RESUMO: Nosso objetivo deste trabalho é evidenciar como uma proposta didática e pedagógica que utiliza tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) pode contribuir com a formação de autores de textos verbovocovisuais, produzidos na esfera literária e digital, em duas escolas públicas de educação básica. Tendo por base conceitos elaborados por Bakhtin e o Círculo, pretendemos também, por meio da análise de um miniconto multimodal, indicar critérios que favoreçam a compreensão das atitudes responsivas de estudantes em aulas de língua portuguesa. As discussões compiladas neste artigo indicam que as práticas escolares associadas às TDIC contribuem com as atividades de leitura e produção textual, além de estimular o protagonismo e o exercício da cidadania.

PALAVRAS-CHAVE: Bakhtin. Autor. Discurso. Multissemioses.

* Doutora em Letras Clássicas e Vernáculas pela FFLCH da Universidade de São Paulo. Atualmente é Professora adjunta no Departamento de Letras Vernáculas e coordenadora adjunta do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), campus São Cristóvão. Lidera o Grupo de Pesquisas em Argumentação e Retórica Aplicadas. E-mail: icmazevedo@hotmail.com.

** Mestre pelo Mestrado Profissional em Letras, pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), professor de ensino médio no município de Banzaê/BA. E-mail: dori.s.n@hotmail.com.

*** Mestre pelo Mestrado Profissional em Letras, pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), professora da rede pública estadual de ensino fundamental e médio em Aracaju/SE. E-mail: vanusiaol@yahoo.com.br.

RESUMEN: Nuestro objetivo es mostrar como una propuesta didáctica y pedagógica que utiliza las tecnologías digitales de la información y la comunicación (TDIC) puede contribuir a la formación de autores de texto verbivocovisual, producido en el ámbito literario y digital, en dos escuelas públicas de educación básica. Sobre la base de los conceptos desarrollados por Bajtín y el Círculo, también tenemos la intención, a través del análisis de un microrrelato multimodal, indicar criterios que favorecen la comprensión de la actitud de respuesta de los estudiantes en clases de portugués. Las discusiones compiladas en este artículo indican que las prácticas escolares, asociadas a las TDIC, contribuyen para las actividades de producción de la lectura y textual, además de estimular el protagonismo y el ejercicio de la ciudadanía.

PALABRAS CLAVE: Bajtín. Autor. Discurso. Multisemiótica.

ABSTRACT: This study aims at showing how a didactic and pedagogical proposal that uses digital information and communication technologies (DICT) can contribute to the verbivocovisual text authors' education, from the literary and digital spheres, in two public schools of basic education. Based on the concepts developed by Bakhtin and the Circle, we also intend, through the analysis of a multimodal short story, to indicate criteria to encourage the understanding of students' responsive attitudes in Portuguese classes. Discussions compiled in this article indicate that the school practices associated with DICT (1) contribute towards the activities of reading and textual production, and (2) stimulate protagonism and the exercise of citizenship.

KEYWORDS: Bakhtin. Author. Discourse. Multisemiotics.

1 INTRODUÇÃO¹

Neste trabalho, assumimos que a interação é o conceito-chave que permite alçar as práticas de ensino e de aprendizagem de língua portuguesa à dimensão dialógica, histórica e cultural, uma vez que toda enunciação é o produto da interação de indivíduos socialmente organizados, e é pela palavra que uma espécie de ponte é lançada entre mim e os outros (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV², 1995 [1929], p. 112-113). Como as enunciações ocorrem em um contexto singular, “[...] a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1995 [1929], p. 95), revelando juízos e valorizações de ordem ética, cognitiva, política ou outra que constituem uma certa totalidade, “[...] na qual a palavra diretamente entra em contato com o acontecimento da vida e se funde com ele em uma unidade indissolúvel” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 77).

Particularmente, na criação artística, e mais especificamente na literatura, os valores decorrem de valorizações sociais expressas ou não, uma vez que a seleção de palavras, das imagens e sons, no caso do miniconto multimodal, pelo autor, revela percepções e escolhas que também consideram a relação estabelecida com o outro em situação imediata ou apenas virtual. Trata-se de um processo de valorização ativa, que inclui o autor, os elementos participantes da trama (narrador, personagens, avaliações da vida cotidiana, recursos linguístico-discursivos, etc.) e os interlocutores. Assim, a palavra torna-se “cenário” de certo acontecimento, indica uma percepção artística profunda e válida, coloca em cena pontos de vista acerca das situações vividas, “[...] prenunciando com muita sensibilidade, nas palavras e nas formas de sua organização, as relações vivas e específicas existentes entre o autor e o mundo [...]” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 91).

Pelo fato de o miniconto multimodal, que será analisado neste trabalho, ter como autores estudantes de educação básica, matriculados em escolas públicas localizadas em dois estados brasileiros, observamos que a interação foi favorecida por diferentes tecnologias de informação e comunicação (TIC) e pela internet, tornando os sujeitos sempre ativos e responsivos, uma vez que a experiência discursiva de cada um se desenvolveu em diálogo constante e contínuo com os enunciados alheios. Assim, procuraremos evidenciar que os enunciados produzidos estão plenos de palavras dos outros, em variados graus de alteridade, assimilabilidade e relevância, trazendo consigo o “[...] tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos” (BAKHTIN, 2003b [1952-1953], p. 294-295).

¹ Este trabalho decorre de uma experiência de formação de professores no Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Sergipe, que foi iniciada na disciplina Gêneros Discursivos/Textuais e Práticas Sociais, em 2014, coordenada pela Dra. Isabel Cristina Michelin de Azevedo, e que continuou a se desenvolver em duas escolas públicas: uma escola estadual localizada em Aracaju/SE e outra também estadual em Banzaê/BA ao longo de 2015.

² Neste trabalho, não temos interesse em participar da discussão relativa à autoria da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, por isso optamos por manter a indicação dos nomes de Bakhtin e de Volochinov, como consta na tradução para o português que está sendo utilizada.

Também intentamos mostrar que esses estudantes, pertencentes à chamada geração digital³, tendo por base a consciência ativa e participante, realizam atos – ação-visão, ação-pensamento, ação-fazer prático (BAKHTIN, 2010, p. 118) –, considerados respostas (*postupok*⁴) a enunciados alheios e bastante conhecidos, integram semioses⁵ e transmutam gêneros do discurso (BAKHTIN, 2003b [1952-1953], p. 261ss), por meio de novas manifestações da arquitetônica concreta do mundo da visão estética (BAKHTIN, 2003b [1952-1953], p. 139). A realização de um acontecimento artístico vivo, ou seja, de um momento significativo de um acontecimento único e singular do existir, permite-nos reconhecê-los na posição de autor, posto que são portadores do ato da visão artística e da criação no acontecimento do existir e assumem uma posição responsável nesse acontecimento, operando com elementos desse acontecimento, “[...] e por isso a sua obra é também um momento desse acontecimento” (BAKHTIN, 2003, p. 175-176).

Para concretizar esses objetivos, organizamos este artigo em três partes. Na primeira, discutimos como é possível compreender o lugar e o papel dos minicontos multimodais na literatura contemporânea, com particular atenção às relações estabelecidas pela associação de diferentes linguagens, sobretudo aquelas proporcionadas pelas tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC). Na segunda, apresentamos os princípios que orientam a proposta didático-pedagógica desenvolvida em aulas de língua portuguesa entre dois ambientes escolares distantes no espaço e descrevemos brevemente as atividades realizadas; para, na terceira, indicar o que pode ser compreendido a partir da análise de um dos minicontos multimodais produzidos ao longo do projeto, visando a destacar elementos que indiquem como se deu a formação de autores por meio da criação literária.

2 O SURGIMENTO DE NOVOS GÊNEROS LITERÁRIOS DECORRENTE DO USO DAS TDIC E AS NOVAS FORMAS DE CONSTITUIÇÃO DO AUTOR

Na contemporaneidade, alguns novos gêneros que circulam na esfera literária são derivados de um cenário composto pela inter-relação de múltiplas linguagens, semioses e mídias – decorrência direta da contínua atualização das TDIC. A existência de diversificados meios cria novas oportunidades para a consciência individual se constituir por meio da interação, que também passa a ocorrer no amplo universo da cultura digital. A construção dialógica que esses recursos proporcionam promove o surgimento de uma realidade semiótica nova, mas que continua sendo uma réplica ao já-dito. Ilustram bem essa realidade os recentes gêneros que surgem na esfera literária digital: a ciberpoesia, configurada na verbivocovisualidade tridimensional (FEIL, 2010), o hiperconto multissemiótico, versão digital interativa da prosa canônica curta (DIAS, 2012), a *websérie*, narrativa midiática no contexto da *web* (HERGESEL, 2014), os “romances de celular” (em japonês, *keitai shosetsu*), que, desde 2001, são produzidos no limite de caracteres de um SMS e possuem milhões de leitores on-line, além de já possuir versões impressas (FARRAR, 2009) e o gênero discutido neste trabalho, o miniconto multimodal, micronarrativa ficcional calcada no imbricamento e coexistência de diversas semioses no mesmo plano composicional (DIAS et al, 2012).

Neste ponto, consideramos necessário apontar uma mudança com prolongamentos e pontos de intersecção – não em ruptura radical – na transição miniconto para miniconto multimodal. Ambos refletem condições específicas, por isso os temas da enunciação, mobilizados pelos gêneros, são relativos ao cotidiano, isto é, às situações de vida, revelando as reações “da consciência em devir ao ser em devir”, o que nos permite perceber que organizam um “[...] sistema de signos dinâmico e complexo, que procuram adaptar-se adequadamente às condições de um dado momento da evolução” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1995 [1929], p. 129); são marcados por elementos composicionais semelhantes: as informações e os conhecimentos são apresentados de modo rápido e

³ O termo geração digital, difundido especialmente por meio do trabalho de Dom Tappscott (1999), diz respeito às novas práticas de leitura e escrita, entre outras características, realizadas por pré-adolescentes e adolescentes com acesso à tecnologia digital de comunicação.

⁴ *Postupok* é um termo frequentemente traduzido como uma ação intencionalmente realizada por alguém, que para Bakhtin representa o ato singular e único, que revela uma ação realizada responsivamente (responder a) e responsabilmente (responder por) em um tempo e lugar particulares.

⁵ Semiose é o termo introduzido pelo filósofo, cientista e matemático Charles S. Peirce (1839-1914) para designar o processo de produção dos sentidos. A explicação de que todo objeto é representado de uma certa maneira, de acordo com a interpretação de uma pessoa, hoje é ampliada na perspectiva de que os interpretantes são múltiplos, porque as referências de um sujeito estão ligadas a outros, mesmo quando não há consciência disso. Assim, cada interpretação é um sistema aberto a múltiplas conexões, além de existirem diferentes processos de significação (FERRAZ, 2009).

fluído, quase instantâneo, e ‘compartilham’ do minimalismo, brevidade, intensidade e narratividade (SPALDING, 2008; MARTINS, 2011).

Pelo viés do contraste, o miniconto funda-se exclusivamente no plano de expressão verbal, enquanto o miniconto multimodal inclui outros signos, e todos refletem e refratam o mundo. Refratar significa que os signos não apenas descrevem o mundo, mas a cada nova construção – na dinâmica da história e por decorrência do caráter sempre múltiplo e heterogêneo das experiências concretas dos grupos humanos (FARACO, 2006, p. 50) – diversas interpretações (refrações) são produzidas, ou seja, valorações são materializadas. Como isso não está circunscrito aos signos verbais, podemos conceber que no miniconto multimodal, em especial, não é possível significar sem refratar. A partir de tais reflexões, estamos assumindo que o modo como se inscrevem nos signos a diversidade e as contradições das experiências históricas dos sujeitos produz uma plurivocidade (de caráter multissêmico), uma vez que o enunciado-vídeo significa a partir de deslizamentos entre múltiplos quadros semântico-axiológicos (heterogêneos e decorrentes de experiências múltiplas).

Apesar de haver carência de referencial e de estudos mais aprofundados acerca das características dos minicontos multimodais, é consensual entre estudiosos da literatura compreendê-lo como um gênero delimitado por uma prosa ultracurta, cuja criação se vale de pouquíssimas palavras, caracteres, toques (até 140, no Twitter), que reinventa o conto canônico, sem comprometer as propriedades essenciais de uma narrativa:

Textos concisos que possuem intensa significação e narratividade, e que fogem do convencional, os microcontos apresentam diálogo ininterrupto com o contemporâneo e as inovações tecnológicas. O discurso é sucinto, um recorte cirúrgico no tumultuado cotidiano do final do século XX e deste início do século XXI, o que provoca inquietação no leitor e o exige na coautoria (MARTINS, 2011, p. 275).

Diante de um texto com características tão singulares (como a concisão, a intensidade, o diálogo ininterrupto, entre outras), o leitor que interage ativamente com o texto, realiza uma atividade dialógica, o que possibilita realizar preenchimentos dos espaços “vazios” da história, na forma de uma réplica ativa, uma resposta, uma tomada de posição diante do texto. Trata-se de um ato que aponta para o possível, “[...] porque é uma operação sobre o significado que, sendo em grande parte efeito da interação, do encontro de cosmovisões e orientações axiológicas, envolve sempre uma dimensão da pluralidade” (FARACO, 2006, p. 43). Segundo Spalding (2008, p. 5), “[...] desde que haja um mínimo de determinação no texto para que o leitor consiga preencher as zonas indeterminadas; estarão preservados a intensidade, a tensão e o efeito, operando tais textos como ‘bombas nucleares’ que explodem após o ato da leitura”. É no leitor que a narrativa se completa plenamente, pois, ao interagir com o conjunto de signos (verbais ou não), o sujeito produz sentidos associados às características sociais e históricas que compõem o texto.

Mapeando sua gênese e alguns de seus praticantes, o miniconto inclui-se na tradição latino-americana, tendo Augusto de Monterroso, escritor guatemalteco, como precursor nos anos sessenta do século XX. No Brasil, Dalton Trevisan é um dos principais representantes da narrativa ficcional curta minimalista, cuja referência germinal é seu livro *Ah, é?*, publicado em 1994. Merece menção a compilação de minicontos, *Os cem menores contos brasileiros do século*, em circulação desde 2004, compostos no limite de cinquenta letras, organizada por Marcelino Freire, como informa Spalding (2008).

Tendo esses textos como referências, o miniconto multimodal, gestado no contexto indissociável das TDIC se inscreve nos “[...] planos de expressão híbridos, heterogêneos ou sincrônicos” (GRILLO, 2012, p. 238), cuja verbocovisualidade⁶ aponta para um sujeito multimídia que manipula combinações de textos, imagens, sons, demonstrando condições “que integram ações e linguagens diferenciadas, para interagir com as multissêmios propiciadas por um computador ligado à *web*” (DIAS et al, 2012, p. 87). Marcado pela “[...] ascensão do mundo digital, eletrônico, computacional, internético, que sepulta – sem ultrapassar – o universo das máquinas mecânicas” (RODRIGUES, 2011, p. 249), o miniconto multimodal reúne em sua arquitetura um conjunto diversificado de elementos, entre os quais se encontra o léxico das redes sociais de hoje. A análise de exemplares localizados na internet indica que

⁶ Assumimos neste trabalho o termo verbocovisual, proposto por Stafuzza (2014, p. 136), para denominar o discurso midiático que se constitui e se realiza por elementos verbais, vocais e visuais.

[...] o autor se firma axiologicamente em primeiro lugar, e essa diretriz artística lhe determina a posição literário-material. Pode-se dizer: as formas de visão e acabamento artístico do mundo determinam os procedimentos extraliterários e não o contrário; a arquitetônica do mundo artístico determina a composição da obra (a ordem, a disposição e o acabamento, o encadeamento das massas verbais) e não o contrário (BAKHTIN, 2003, p. 182).

Nesse contexto, a criação de um miniconto multimodal gera oportunidades para novas formas de constituição do autor e também das personagens, uma vez que põe em movimento a “[...] relação arquitetonicamente estável e dinamicamente viva do autor com a personagem” (BAKHTIN, 2003a [1924], p. 3). Em nosso modo de ver, trata-se de um gênero do discurso no qual o enunciado-vídeo realiza uma arquitetônica verbocovisual na qual diferentes valores ideológicos e estéticos são articulados de maneira a compor um discurso no qual são identificados eco, reverberação e ressonância (STAFUZZA, 2014, p. 139ss). Nesse novo modo de fabular a narrativa impõem-se projetos discursivos do autor que se “[...] constitui em uma relação triádica, pois dialoga, necessariamente, com os autores dos enunciados anteriores e com os autores dos enunciados-resposta presumidos” (GRILLO, 2012, p. 238). Assim, na obra de arte, a resposta do autor às manifestações isoladas das personagens se baseia em uma resposta ao todo da personagem, “[...] cujas manifestações particulares são todas importantes para caracterizar esse todo como elemento da obra” (BAKHTIN, 2003a [1924], p. 4). A resposta do autor, então, “[...] reúne todas as definições e avaliações ético-cognitivas e lhes dá acabamento em um todo concreto-conceitual singular e único e também semântico” (BAKHTIN, 2003a [1924], p. 4).

O modo como Bakhtin concebe a relação entre autor e personagem não está restrito aos enunciados verbais, posto que são as relações dialógicas que definem o objeto e a estrutura das manifestações artísticas. Notamos, assim, que de um tratamento axiológico único desenvolve-se o todo da personagem e de outros elementos (como: formas, cores, tons) que constituem um objeto artístico, pois o autor reflete/refrata a posição volitivo-emocional da personagem e outras posições que possam ser assumidas nos diferentes objetos.

A forma espacial da personagem, em que Bakhtin, dentre outros aspectos fundamentais para análise da linguagem, trata da questão do excedente de visão, da imagem, do retrato, do autorretrato visual e verbal, isto é, da representação de si mesmo, momento em que o autor é personagem. Até mesmo a fotografia ganha uma breve referência [...] (BRAIT, 2013, 45).

Na singularidade concreta do lugar em que o sujeito cria um objeto artístico, o excedente de minha visão em relação ao outro indivíduo condiciona um conjunto de ações internas e externas que só ele pode praticar. Essas ações completam o outro justamente naqueles aspectos em que ele não pode se completar e podem ser infinitamente diversas em função da infinita variedade de situações da vida em que eu e outro se encontram em um dado momento. A análise de discursos verbocovisuais, então, pode nos revelar um intrincado processo de criação da personagem no contexto multissemiótico, o autor-criador de miniconto multimodal arquiteta suas criaturas ficcionais – seres constituídos, que dão corpo ao enredo pelo amálgama, por exemplo, de fotos, músicas, efeitos de manipulação de imagens etc. –, que no jogo de recepção com os leitores, adquirem independência dele. “As personagens criadas se desligam do processo que as criou e começam a levar uma vida autônoma no mundo, e de igual maneira o mesmo se dá com o seu real criador-autor” (BAKHTIN, 2003a [1924], p. 6). Trata-se de um “[...] acontecimento, um centro de valores que se constitui na relação dinâmica, viva e tensa, entre o verbal, o vocal e o visual na esfera de produção, circulação e recepção do discurso” (STAFUZZA, 2014, p. 138) que ecoa, reverbera e ressoa diferentes vozes.

Assim, autor e personagem são propriedades correlativas do todo artístico da obra, por isso narrativas marcadas pela verbocovisualidade “[...] interpelam movimentos de leitura diferenciados, mais fluidos, dinâmicos e que requerem letramentos diferenciados de seus interlocutores” (DIAS et al, 2012, p. 81) e constituem desafios a ser superados no ambiente escolar.

3 CARACTERÍSTICAS DE UMA PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA DE LÍNGUA PORTUGUESA DIRECIONADAS À FORMAÇÃO DE AUTORES RESPONSIVOS

A reflexão que propusemos até este ponto permite perceber que concebemos linguagem como sendo heterogênea e dialógica, cujos elementos constitutivos estão associados às atividades humanas e às manifestações históricas e culturais. Particularmente, na sociedade contemporânea, cuja impermanência e relativa indeterminação definem uma condição de existência que

simultaneamente nos desafia e estimula, as mudanças são ininterruptas e marcadas pela história, provocam contínuas reavaliações das práticas sociais e afetam significativamente os processos de ensino e de aprendizagem.

Em um contexto escolar, concordando com Geraldi (2010), reconhecemos que professores e estudantes são aprendizes, mas em patamares distintos, com responsabilidades diferenciadas e, no caso do trabalho de produção textual com base nas TDIC, com alternância de protagonismo nas atividades desenvolvidas e assunção diferenciada de posições políticas.

Dessa maneira, reconhecemos que o desenvolvimento de propostas político-pedagógicas em aulas de língua portuguesa pode criar condições para que o estudante perceba o jogo discursivo que envolve o ato de linguagem, especialmente quando despertam a percepção estudantil para o fato de que todos os discursos estão impregnados de discursos alheios que foram gerados de forma ativa e responsiva. Idealizar propostas escolares com este viés dialógico-investigativo e atividades que promovam a análise/produção de gêneros da esfera literária e da digital é um desafio, mas também consideramos uma necessidade se temos em vista despertar o senso crítico dos discentes.

Na proposta que passamos a discutir neste trabalho, objetivamos mostrar que é possível promover a interação; afinal, as práticas pedagógicas voltadas ao uso da tecnologia na educação agregam às atividades escolares “[...] pluralidade, inter-relação, abertura e intercâmbio crítico de ideias, concepções, experiências e saberes advindos de distintas áreas do conhecimento, que se integram com as tecnologias e interferem nos modos de pensar, fazer e se relacionar” (ALMEIDA; SILVA, 2011, p. 3).

O que será apresentado aqui se alinha ao trabalho de outros professores empenhados na ressignificação da prática educativa (DIAS et al., 2012) e visa à promoção de condições para que os estudantes percebam o potencial que possuem e como podem agir de forma dialógica, afinal, “[...] o outro ressoa em mim assim como eu ressoo no outro” (STAFUZZA, 2014, p. 145). Stafuzza (2014) também destaca que desenvolver práticas de ensino com gêneros da esfera digital voltadas à promoção da autoria sob o viés da concepção dialógica da linguagem significa “[...] considerar o outro como instância da interação verbal, social e ideológica em uma dinâmica de embates, conflitos e contradições para a constituição do sujeito ideológico” (STAFUZZA, 2014, p. 137), posto que a escola, que se constitui como um espaço de desenvolvimento de práticas sociais, também se encontra envolvida na rede e está sendo desafiada a conviver com as mudanças que as tecnologias e mídias digitais provocam na sociedade e na cultura cotidianamente (ALMEIDA; SILVA, 2011, p. 5).

Tendo em vista a transposição do gênero miniconto multimodal para o ambiente escolar – ancorados no pensamento de Lemke – Dias et al. (2012, p. 93) ressaltam que a possibilidade de exploração de textos multissemióticos com os estudantes tem especial valor, uma vez que

[...] o conjunto de convenções, já utilizado na produção do sentido nos textos escritos, é ampliado e ressignificado, pois cada modalidade expressiva integra um conjunto diferenciado de significados possíveis. Os diferentes arranjos entre as diferentes categorias de significados pelas diferentes modalidades não podem ser controlados e totalmente previstos pelo *autor*, o que explica a multiplicidade de leituras possíveis para os textos multimodais. Logo, a importância de considerar o prefixo “multi” na e para a construção de abordagens que privilegiem um ensino produtivo de leitura e escrita em língua materna. Além disso, é fundamental que os alunos realizem atividades de *autoria*, utilizando-se (d)essas novas tecnologias/ mídias (DIAS et al., 2012, p. 93, grifos nossos).

É evidente que nessa situação o professor necessitará mudar de postura, assumindo uma atitude educacional que acolhe a voz do estudante, define condição para que possa exercer seu protagonismo e exercite a cidadania. Experiências como a dos professores Nascimento e Oliveira (2015) ilustram práticas político-pedagógicas que favorecem múltiplos diálogos, contribuindo para o aperfeiçoamento acadêmico e profissional de todos, por isso resolvemos tematizá-la neste trabalho.

Os professores participantes moram e trabalham em estados diferentes: um na Bahia e outro em Sergipe. Enquanto estudantes do Mestrado Profissional em Letras, em 2015, foram desafiados na disciplina Gêneros Discursivos/Textuais e Práticas Sociais a desenvolver um projeto que culminasse na produção de um miniconto multimodal, hiperconto ou jogo digital. Os resultados

obtidos pelos professores possibilitaram a concretização de produções dialógicas, interativas e colaborativas, que envolveram os estudantes de duas escolas distantes em 275 km. A proposta foi desenvolvida

[...] em duas etapas: na primeira, como um trabalho de instrumentalização do aluno acerca do conceito e propriedades essenciais do gênero miniconto em contraste ao conto; e posteriormente, em segundo momento, com encaminhamentos didáticos em direção à construção do miniconto multimodal pelos alunos (NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2015, p. 663).

Na primeira etapa, houve leitura e interpretação dos contos *A cabeça*, de Luiz Vilela (2002), *Uma vela para Dario*, de Dalton Trevisan (1979), e de vários minicontos produzidos por Heloísa Seixas (2010), localizados na obra *Contos mais que mínimos*. Paralelamente às análises e aos estudos relativos às características estruturais do gênero conto e miniconto, os estudantes iniciaram uma pesquisa que permitiu o contato com minicontos multimodais.

Na segunda, houve o encaminhamento à produção de minicontos multimodais a partir de *selfie*. Inicialmente, os estudantes foram orientados a produzir *selfies* que possibilitassem a criação de uma narrativa ficcional. Também foi esclarecido que a equipe que produzisse o *selfie* não integraria a equipe que iria produzir o miniconto multimodal a partir dos *selfies* recebidos de colegas.

Os *selfies* eram encaminhados por estudantes de uma instituição escolar aos discentes da outra e o intercâmbio ocorreu, por meio do aplicativo *WhatsApp*. Dois tipos de grupos foram criados: um geral, composto por estudantes das duas instituições de ensino que participavam da pesquisa e os dois professores proponentes da proposta; outro específico, que incluía apenas os integrantes de cada equipe que escreveria o miniconto multimodal e, evidentemente, os professores. Além disso, as orientações gerais eram realizadas durante as aulas que os professores ministravam. Assim, os poucos estudantes que não tinham acesso à internet não ficaram excluídos da atividade.

Como pode ser percebido, experiências como essa modificam significativamente a sala de aula, pois aos professores não cabe mais a transmissão de informações, por meio de material didático, mas a organização das práticas de linguagem, a mediação dos grupos de estudantes, a distribuição de pessoas em equipes de trabalho e a administração do tempo didático, enfim, funções que visam a promover a participação de todos, o que não minimiza o valor do professor, pelo contrário, consideramos que enriquece a prática do docente.

Ademais, percebemos que a carência de compartilhamento de práticas escolares com foco na formação de autores responsivos pode se constituir em uma oportunidade para a análise e a produção de gêneros do discurso com imbricamento das esferas literária e digital. Embora discutir a autoria de objetos artísticos por meio de TDIC na educação básica seja um desafio, julgamos que o produto da experiência realizada, e recolhido para este estudo, pode evidenciar o valor dialógico e interacional que práticas pedagógicas diferenciadas podem proporcionar.

Para exemplificar os resultados alcançados nesse processo de ensino e aprendizagem, selecionamos um dos minicontos multimodais produzidos ao longo do projeto e estabelecemos três categorias, que serão integradas ao longo da análise:

- 1) a assunção da autoria na produção do enunciado-vídeo;
- 2) a arquitetônica do discurso verbovocovisual;
- 3) o dinamismo dos temas em discussão ao longo do miniconto multimodal.

A primeira categoria tem como princípio básico o entendimento de que o autor enforma e dá acabamento a um material estético, por isso reflete/refrata a posição volitivo-emocional da(s) personagem(ns). Com isso, reforçamos a compreensão de que o ato criador do autor sempre se move nas fronteiras (axiológicas) do mundo estético, da realidade, na fronteira do corpo, na fronteira da alma, pois para ele tudo ainda está por vir, tudo o que existe já houve (BAKHTIN, 2003, p. 190-191).

A segunda categoria decorre da concepção de que o ser humano, como centro de valor, é aquele que em um processo interativo se interroga e produz respostas expressas por meio de variados recursos semióticos; o sujeito que organiza um modo de ver a vida, de

interpretá-la e de apresentá-la em um acontecimento concreto, definido espacial e temporalmente, por meio do qual são identificados valores, afirmações, atos éticos, etc. Essa concepção é o que permite compreender o conceito de arquitetônica que se torna uma alternativa para pensar o mundo dos sentidos, da diversidade, da cultura, sem precisar eliminar as análises formais, mas entendendo o movimento das relações dialógicas (CAMPOS, 2012, p. 253).

A terceira categoria apoia-se no entendimento de que o tema de uma enunciação é, na verdade, assim como a própria enunciação, único e não reiterável, especialmente quando associado a uma produção artística. Isso porque é um ato concreto, que está vinculado aos elementos de uma situação particular, histórica e social, em diálogo com outras ideias e concepções, formando uma réplica. Segundo Bakhtin e Volochínov (1995, p. 132), “compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra”. Assim, considerar os temas presentes em um miniconto multimodal é um exercício que precisa levar em conta a palavra usada na fala real, um acento de valor ou apreciativo e a entonação expressiva, determinada pela situação de produção.

4 ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO DE UM MINICONTO MULTIMODAL COMPOSTO A PARTIR DE *SELFIES*⁷

Iniciamos o trabalho de análise direcionando nossa atenção para as marcas de autoria identificadas no miniconto multimodal *Pomar de saberes* (2015b), considerado por nós um objeto estético, uma vez que revela a maneira como os estudantes dão forma às experiências, evidenciando, portanto, como percebem o outro e o próprio objeto em um todo materializado em *selfies*, textos, sons, enfim, em um discurso verbovocovisual.

Como explicado anteriormente, a produção do enunciado-vídeo é uma resposta de discentes de uma instituição de ensino de Banaê/BA aos dois *selfies* enviados por uma equipe formada por três estudantes de uma outra unidade de ensino de Aracaju/SE, por isso destacaremos a autoria tanto na dimensão imagética quanto verbovocovisual. Em primeiro lugar, ressaltamos que, ao produzirem a ambientação que criou um contexto para os *selfies*⁸, as estudantes se tornaram autoras, especialmente porque

[...] o autor **acentua** cada particularidade de sua personagem, cada traço seu, cada acontecimento e cada ato de sua vida, os seus pensamentos e sentimentos, da mesma forma que na vida nós respondemos axiologicamente a cada manifestação daqueles que nos rodeiam” (BAKHTIN, 2003a [1924], p. 3, grifo nosso).

Nos *selfies* produzidos em Sergipe, há depuração da expressão dos rostos refletidos, indicando que as estudantes assumiram uma posição firme fora de si mesmas, um ponto de vista particular e se investiram de autoridade para definir o viés da imagem; razões que confirmam tomarmos o grupo como autoras dos autorretratos. Bakhtin (2003) ressalta que a diferença entre o que ocorre na vida e no ato estético está no fato de que na vida temos o interesse pela parte que nos interessa do homem, ou seja, o que for oportuno em um dado momento, sendo, assim, um interesse parcial; já na obra de arte, é necessário observar todos os elementos que envolvem a personagem para que tenhamos uma noção do todo que a integra.

Na produção do discurso visual dessas autoras, observamos que elas também se constituem como personagens. As três estudantes optaram por se fotografar na biblioteca da instituição em que estudam. Fardadas⁹, priorizaram, em seus autorretratos, olhares sedutores e livros. Em ambas as fotos, as três estão presentes. No primeiro *selfie*, as três personagens seguram livros, destacando, de forma enigmática, o olhar, principalmente, pelas duas personagens que estão ao fundo; no segundo, a personagem que está atrás e a que está à frente mantêm um olhar sedutor, já a do meio revela um certo orgulho por estar com um livro em mãos. As autoras-personagens optaram pelo preto e branco em ambos os *selfies*.

⁷*Selfie* é uma palavra em inglês, um neologismo com origem no termo *self-portrait*, que significa autorretrato, e é uma foto tirada e compartilhada na internet. Normalmente um *selfie* é tirado pela própria pessoa que aparece na foto, com um celular que possui uma câmera incorporada, como um smartphone, por exemplo. Também pode ser produzido com uma câmera digital ou webcam.

⁸O miniconto multimodal encontra-se disponível em: <<https://vimeo.com/173293172>>.

⁹“Farda” é o termo utilizado em Sergipe para o uniforme utilizado por estudantes.

Diante desse material visual, organizado em Sergipe, a equipe da escola da Bahia agiu responsivamente aos *selfies*, estabelecendo um diálogo que possibilitou a produção do miniconto multimodal *Pomar de saberes* (com duração de 1'17"), que passaremos a analisar na perspectiva da arquitetura do discurso verbocovisual e dos temas em discussão.

O enunciado-vídeo, discurso verbocovisual da esfera literária e digital, tem início com a imagem de três personagens com mochilas às costas (0:01-0:04), sinalizando uma caminhada indefinida, o percurso a algum lugar por um período de tempo não muito curto, pois a estrada é longa. Elas caminham por um local arborizado, que parece desabitado e sombrio, o que é acentuado pelas cores da imagem em preto e branco. O visual associa-se ao verbal “três vidas distintas” e à linguagem musical (escutamos uma música ritmada, uma batida constante, que poderia sugerir uma caminhada em passadas precisas e rápidas). Ao leitor/espectador, posicionado atrás das personagens, cabe acompanhar seus passos. Uma certa indefinição presente na imagem poderia fazer o intérprete se perguntar para onde as três pessoas estariam seguindo, mas, ao mesmo tempo, a música impregna a reflexão de alguma certeza: estão determinadas a seguir em frente.

É importante sublinhar que a combinação de materialidades cria sentidos a partir da hibridização do discurso verbal com o visual e a linguagem sonora. Esse processo não ocorre sem contradições, pois os setores hegemônicos na sociedade tendem a disputar espaço com os populares que querem se apropriar dos benefícios da modernidade (GARCÍA-CANCLINI, 2008 [1989] apud ROJO, 2015). Distinguimos que os estudantes de escolas públicas sentem no dia a dia o conflito gerado pela interculturalidade, mas isso, ao invés de se transformar em um problema, tornou-se em mote para a criação literária.

No prosseguimento, a segunda cena (0:05-0:12) é a única que está desacompanhada de discurso verbal em todo o miniconto multimodal e apresenta uma porta entreaberta e seu entorno. Não é uma porta qualquer, é majestosa e lembra o portal de entrada de um castelo, talvez medieval. Alia-se a ela o som de uma porta rangendo. Esse momento é a única vez em que ouvimos um som integrado à batida musical já mencionada. Todo o entorno da porta está em preto e branco, apenas ela está colorida, vermelha, cor do sangue. A decoração da porta, em tom preto, assemelha-se a uma seta, indicando para o interior do espaço que estaria por ela isolado, mas como está entreaberta, acaba oferecendo um convite para entrar ao ambiente interno. Os elementos combinados (imagem e sons) indiciam algo macabro, maquiavélico, assustador, e a indefinição inicial ganha ares de suspense. O jogo das opções semióticas converge o olhar do espectador para a porta, denuncia uma tensão e configura um convite para ultrapassar os limites da porta.

O suspense criado pela segunda cena é retomado na terceira (0:13-0:17) por meio da metáfora “em um pomar de saberes” e pela imagem de prateleiras cheias de livros. Os autores direcionam o olhar do leitor/espectador de baixo para cima (como se estivesse posicionado na base olhando para o alto, sugerindo talvez uma metáfora posicional de alguém que se coloca no chão olhando para o cume de árvores). A batida volta a ser contínua, mas diferentemente da primeira vez em que o discurso verbal aparece, em que três vidas refletem três personagens, aqui a relação entre o discurso verbal e o visual não é denotativa, não identificamos apenas ecos de cenas vistas em outros filmes, por exemplo, pois os signos refratam o mundo oferecendo uma outra interpretação para “pomar”, uma vez que se trata de um “pomar de saberes”, no qual se encontram conhecimentos reunidos nos livros presentes na imagem, indicando reverberação de palavras alheias. No discurso reverberado há sempre a marca do eco, mas a reverberação ressoa em cada sujeito de forma diferente (STAFUZZA, 2014, p. 145).

Contrastando com o discurso visual anterior, marcado pela cor vermelha, que simultaneamente amedronta e estimula à vida, na terceira cena há apenas tons de cinza na imagem e grandes letras brancas. O preto, no miniconto multimodal, sugere tensão, obscuridade por conta da falta do conhecimento. Obscuridade que pode ser quebrada com a clareza do branco, o conhecimento; mas, para tanto, é preciso transitar pelo cinza, ou seja, pela leitura dos livros. Que conhecimento seria esse?

Os livros estão em primeiro plano, são imponentes e até ameaçadores, enquanto que o espectador parece estar sendo sugado para a leitura para ser alçado ao céu, elevado pelos “saberes”. Na cena seguinte (0:18-0:22), no entanto, há uma explosão de cores, pessoas voam juntamente com livros abertos em um corredor formado por estantes repletas de livros, como se as pessoas e os objetos seguissem com liberdade uma narrativa. Há um ser que contempla as viagens. Seria uma personagem, uma representação do autor ou do espectador? A dúvida não é esclarecida ficando para ser interpretada pela atitude responsiva do leitor/espectador.

O discurso verbal, “um paraíso feito o Éden”, ressoa em cada um de nós enquanto reverbera o discurso religioso do livro que trata da criação:

Então o Senhor Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego de vida, e o homem se tornou um ser vivente. Ora, o Senhor Deus tinha plantado um jardim no Éden, para os lados do leste; e ali colocou o homem que formara (BÍBLIA SAGRADA, Gênesis, 2.7, 8).

Percebemos que os autores do enunciado-vídeo em análise produziram uma obra metalinguística que discute o próprio ato da criação humana (“Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego de vida”). O encontro com o conhecimento, representado pelo seguimento aos livros que escaparam das prateleiras, é o que proporcionaria a criação do homem pela palavra, uma vez que “[...] o falante não é um Adão bíblico, só relacionado com objetos virgens ainda não nomeados, aos quais dá nome pela primeira vez”, pelo contrário, todo discurso sempre ecoa palavras alheias e “[...] se torna inevitavelmente um palco de encontro com opiniões de interlocutores” (BAKHTIN, 2003b [1952-1953], p. 300).

Em “um paraíso feito o Éden”, há referência direta às possibilidades que a vida e a cultura oferecem (“um paraíso”) ao mesmo tempo em que remete aos obstáculos que podem ser identificados pela analogia ao texto bíblico, posto que a busca pelo conhecimento provocou a expulsão de Adão e Eva do Paraíso. Não se trata do mesmo paraíso (“em vez de árvores: prateleiras”), como se vê na cena seguinte (0:23-0:27). Nesse ponto, os autores retomam o interior de uma biblioteca, há nova sugestão de um caminho a percorrer, mas cheio de barreiras formadas por livros. A difícil trajetória leva à leitura, visto que o discurso visual vai se afunilando até chegar ao centro da imagem onde se identifica uma personagem lendo.

Na cena seguinte (0:28-0:32), mais uma vez o enunciado-vídeo ecoa o texto bíblico, por meio do discurso verbal “em vez de frutos proibidos”. Em Gênesis 3.3, lemos “[...] mas Deus disse: ‘Não comam do fruto da árvore que está no meio do jardim, nem toquem nele; do contrário vocês morrerão’”. Por meio da hibridização, os autores apenas ressoam o texto clássico, visto que o discurso visual apresenta uma árvore voadora, cujo tronco parece carregar uma raiz solta da terra, em forma de um corpo dilacerado, em chamas coloridas. O fogo simboliza tanto a destruição quanto a vida, visto ser esse mesmo fogo o que aquece e possibilita a preparação dos alimentos. Completando a cena, vemos algumas folhas soltas girando em torno da árvore, provocando a lembrança de um redemoinho envolvente, mas que ganha pleno sentido na cena seguinte (0:33-0:37). Como se trata de um signo cultural, os ecos e as ressonâncias indicam como os autores refratam ideologicamente o material significante, indicando atos de interpretação (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1995 [1929], p. 38).

Na continuidade do enunciado-vídeo (em 0:33-0:37), livros abertos flutuam no interior de um prédio, mas chama a atenção um clarão que está acima, pois, apesar de parecer ser proveniente de uma luz artificial, ilumina boa parte do ambiente, deixando apenas o concreto das paredes e escadas na escuridão. Mais uma vez, o olhar do leitor/espectador é posicionado de baixo para cima, estimulando-o a buscar as alturas.

Em seguida, temos o primeiro uso de um dos *selfies* produzido pelas estudantes sergipanas (0:38-0:42). O discurso verbal associado ao autorretrato de três personagens femininas, com olhares sedutores, sugere que os “conhecimentos” encantam; enquanto o segundo *selfie*, utilizado na cena seguinte (em 0:43-0:47), mostra que esses conhecimentos dependem do homem para que se tornem livres. É preciso que alguém leia os livros para que sejam libertados. Interessante notar que essa liberdade não impede o conhecimento de continuar materializado em palavras registradas em livros. A personagem que está no centro da imagem exibe, inclusive, um certo orgulho por ler, reverberando o prazer que o eruditismo pode provocar.

Nesse ponto, o leitor/espectador poderá refletir acerca do papel do criador que se constitui em criatura: ao mesmo tempo em que observa o autor, produtor dos *selfies*, transfigura-se em personagem no miniconto multimodal, como se vê nos *selfies* inseridos na produção artística. O discurso do autor é, na verdade, fruto de discursos outros e de discursos de outrem, o que faz a criatura ecoar, reverberar e ressoar discursos alheios.

A cena que surge (em 0:47-0:52) cria uma expectativa ofertada pelo discurso verbal (“Em vez de criador:”) que destoa em relação ao visual (a imagem apresenta um ser cabisbaixo, arcado, desistente), mas tudo só será esclarecido na cena final (0:52-0:57) a partir do

discurso verbal: “Mera obra da Criação”. Os dois últimos discursos visuais colocam em destaque uma figura masculina, que permanece de costas para o leitor/espectador, em pé, com os braços abaixados, em um gesto de submissão, respeito e obediência. Na penúltima, a personagem caminha sobre um chão rachado, segue um caminho aparentemente já percorrido, há uma passagem (um portal) e aves pretas circundam-na. Os tons escuros contrastam com o branco das nuvens, encontradas aos seus pés, e das letras abaixo de tudo. No último discurso visual, apenas em tons preto, cinza e branco, o posicionamento da personagem e o relógio indicam que, com humildade, respeito e dignidade, a luz, ou seja, o conhecimento será alcançado. Basta, além das leituras, dar tempo ao tempo.

Nessas duas cenas que encerram o miniconto, as palavras fortalecem o papel do homem na criação, mas o discurso visual não é tão positivo, gerando um discurso polifônico. Os autores do miniconto multimodal constituem, como tentamos evidenciar, uma unidade que

[...] não só enxerga e conhece tudo o que cada personagem em particular e todas as personagens juntas enxergam e conhecem, como enxerga e conhece mais que elas, e ademais enxerga e conhece algo que a princípio é inacessível a elas, e nesse excedente de visão e conhecimento do autor, sempre determinado e estável em relação a cada personagem, é que se encontram todos os elementos do acabamento do todo, quer das personagens, quer do acontecimento conjunto de suas vidas, isto é, do todo da obra (BAKHTIN, 2003a [1924], p. 11).

Enquanto a palavra criador é grafada com letra minúscula, a palavra Criação é escrita com letra maiúscula, reforçando uma opção gráfica pelas criaturas. Na última cena, o chão também aparece rachado, há relógios que marcam o tempo delas, a passagem do tempo é inexorável, o que talvez entristeça. O discurso vocal permanece o mesmo, e os créditos dos participantes que produziram o material são divulgados em continuidade ao texto finalizado, talvez indicando que embora seja uma criação própria do grupo não é adâmica, visto que surgiu a partir da análise de outras propostas, bem como do diálogo com outros textos e autores.

No projeto realizado, por conseguinte, as estudantes que produziram os *selfies* são autoras, que assumem um duplo papel, uma vez que também são personagens e não controlam mais todos os desdobramentos da produção inicial; afinal, “o artista nada tem a dizer sobre o processo de criação, todo situado no produto criado, restando a ele apenas nos indicar sua obra de arte” (BAKHTIN, 2003a [1924], p. 5). Por sua vez, os autores do miniconto multimodal em análise, residentes na Bahia, são apenas autores, mas dividem a autoria com as estudantes de Sergipe por meio da interação favorecida pela produção de um objeto artístico. O enunciado-vídeo evidencia ainda o diálogo dos estudantes com outros autores, das imagens e da música que foram recolhidas da internet. Os discursos se hibridizaram, tornando impossível analisar o miniconto multimodal sem analisar a polifonia presente nessa materialidade. Configura-se, assim, o que para Bakhtin é prioritário: “a forma do tratamento do acontecimento, a forma do seu vivenciamento na totalidade da vida e do mundo” (BAKHTIN, 2003a [1924], p. 8).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, evidenciamos a concretização de uma proposta didático-pedagógica em língua portuguesa de formação de autores por meio da criação de minicontos multimodais por estudantes, pertencentes à geração digital, em situação de interação – possibilitada por diversas tecnologias da informação e comunicação (TIC) –, cuja experiência discursiva os torna sujeitos ativos e responsivos. A pesquisa convergiu para a dimensão vital do dialogismo na incorporação constitutiva do discurso de outros, ou de outros discursos, bem como para a questão da alteridade (BRAIT, 1998).

Concluímos que a interação entre os estudantes das duas escolas para produção do miniconto multimodal ilustra bem as alternativas para práticas de ensino e de aprendizagem que visam a ressignificar a criação de novos gêneros da esfera literária, cujo discurso verbovocovisual apresenta dimensão enunciativo-discursiva reveladora de autoria, de diferentes tipos de interlocuções, de discursos, bem como convocam memórias de sujeitos e de objetos (BRAIT, 2013, p. 62), materializadas nas inscrições de sujeitos histórico e socialmente construído.

Isso posto, insistimos que a formação de autores de textos verbocovisuais se articula com o princípio de que “[...] é no diálogo, por um lado, do pesquisador e sua teoria com, por outro, seu objeto falante que está o fundamento epistemológico da teoria de Bakhtin e seu Círculo” (GRILLO, 2012, p. 237). Por essa razão, traçamos um percurso que buscou analisar o labor estético tanto das estudantes ao compor os *selfies* quanto dos discentes ao produzir o miniconto multimodal “Pomar de saberes”.

Por fim, queremos destacar que, no âmbito das práticas didático-pedagógicas de língua portuguesa, nossa tarefa fundamental é apoiar cada estudante a desenvolver todo o seu potencial, pois, só assim, poderemos cumprir plenamente a nossa tarefa de professor, fazendo a diferença na vida deles, enquanto aprendemos com eles a qualificar nossa atividade profissional, como muito bem ressaltou Paulo Freire (1996).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth B.; SILVA, Maria da Graça M.; Currículo, tecnologia e cultura digital: espaços e tempos de WEB Currículo. *Revista e-curriculum*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 1-19, abr. 2011. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/viewFile/5676/4002>>. Acesso em: 2 fev. 2016.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch; VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaievich, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7.ed. São Paulo: Hucitec, 1995 [1929].

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1919-1971].

BAKHTIN, Mikhail. O autor e a personagem. In: _____. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003a [1924]. p. 3-20.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003b [1952-1953]. p. 261-306.

_____. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010 [1920-1924].

BÍBLIA SAGRADA. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/>>. Acesso em: 6 mar. 2016.

BRAIT, Beth. Mikhail Bakhtin: movimentos de reconstituição da história de um pensamento. *Revista USP*, São Paulo, n.39, p. 158-173, setembro/novembro 1998.

_____. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. *Bakhtiniana*, São Paulo, v.8, n.2, p. 43-66, jul./dez. 2013.

CAMPOS, Luciene Lemos de. Entre frinchas, a poética do microconto brasileiro. *Carandá. Revista do curso de Letras do Campus do Pantanal*, UFMS Corumbá, MS, n. 4, p. 299-321, nov. 2011.

CAMPOS, Maria Inês Batista. A questão da arquitetônica em Bakhtin: um olhar para materiais didáticos de língua portuguesa. *Filol. linguíst. port.*, v. 14, n. 2, p.247-263, 2012.

DIAS, Anair Valência Martins et al. Minicontos multimodais: Reescrevendo imagens cotidianas. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Org.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 75-94.

DIAS, Anair Valência Martins. Hipercontos multissemióticos: para a promoção dos multiletramentos. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Org.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 95-122.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & Diálogo* – as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições, 2006.

FARRAR, Laura. Cell phone stories writing new chapter in print publishing - CNN. *Featured Articles from CNN*. CNN, 25 feb. 2009. In: <<http://edition.cnn.com/2009/TECH/02/25/japan.mobilenovels/>>. Acesso em: 28 set. 2012.

FEIL, Roselene Berbigier. Poesia na era tecnológica: considerações sobre as novas maneiras do fazer e do existir poético. In: CIELLI – COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS / CIELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS, [1.], 4., 2010, Maringá. *Anais...* Maringá-PR: Universidade Estadual do Paraná – UEM, 2010.

FERRAZ, T.S. Relações semióticas na filosofia peirceana: fenômeno, signo e cognição. *Kínesis*, Marília, v. 1, n. 1, p. 186-198, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GARCÍA-CANCLINI. In: ROJO, Roxane. *Novos multiletramentos na escol@*. 2015. Disponível em: <<http://prezi.com/ozg6gpgfyip4/multiletramentos-e-as-praticas-escolares/>> Acesso em: 2 fev. 2016.

GERALDI, João Wanderley. *A aula como acontecimento*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

GRILLO, Scheila V. C. Fundamentos bakhtinianos para a análise de enunciados verbo-visuais. *Revista Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v.14, n.2, p. 235-246. 2012. Disponível em: <www.revistas.usp.br/flp/article/download/59912/63021>. Acesso em: 2 fev. 2016.

HERGESEL, João Paulo de M. *Considerações estilísticas sobre webséries brasileiras: a narrativa midiática no contexto do universo on-line*. 226 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade de Sorocaba, 2014.

MARTINS, Waleska Rodrigues de M. Oliveira. Intensidade, brevidade e coalescência: das vertentes do conto, o microconto. *Carandá. Revista do curso de Letras do Campus do Pantanal* – UFMS, Corumbá, MS, n. 4, p. 274-298, nov. 2011.

NASCIMENTO, Dorinaldo dos Santos Nascimento; OLIVEIRA, Vanusia Maria dos Santos. De selfie a miniconto multimodal: ensino de gênero digital em sala de aula. In: ENILLI – III ENCONTRO NACIONAL E II INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E LITERATURA, 3., 2015, Garanhuns. *Anais...* Garanhuns: Universidade de Pernambuco, 2015a. p. 659-669.

POMAR de saberes. Direção: Dorinaldo Nascimento e Vanusia Oliveira. 1 min. 2015b. Disponível em: <<https://vimeo.com/173293172>>. Acesso em: 6 mar. 2016.

RODRIGUES, Rauer Ribeiro. Apontamentos sobre o microconto. *Carandá. Revista do curso de Letras do Campus do Pantanal*, Corumbá, MS, n. 4, p. 248-251, nov. 2011.

SEIXAS, Heloísa. *Contos mais que mínimos*. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.

SPALDING, Marcelo. *Os cem menores contos brasileiros do século e a reinvenção do microconto na literatura brasileira*. 2008. 81f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-africanas) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

STAFUZZA, Grenissa Bonvino. Contribuições do pensamento do Círculo de Bakhtin para os estudos discursivos contemporâneos: o discurso machista na mídia humorística feminina. In: PAULA, Luciane de. *Discursos em perspectiva: humanidades dialógicas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014. p. 135-155.

TAPSCOTT, Dan. *Geração digital: a crescente e irreversível ascensão da geração net*. São Paulo: Makron Books, 1999.

TREVISAN, Dalton. Uma vela para Dario. In: _____. *Vinte Contos Menores*. Record: Rio de Janeiro, 1979. p. 20.

VILELA, Luiz. A cabeça. In: _____. *A cabeça*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. p. 123-132.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaievich. Palavra na vida e a palavra na poesia. Introdução ao problema da poética sociológica [1926]. In: _____. *A construção da Enunciação e outros ensaios*. Organização, tradução e notas de João Wanderley Geraldi. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2013 [1925-1930]. p. 71-100.

Recebido em 18/03/2016. Aceito em 18/04/2016.